

Guerras e Guerras

“Combater a si próprio é a mais dura das guerras, vencer a si próprio é a mais bela das vitórias”. (F. Logau)

Desde pequeno acostumei-me com a guerra.

Acho que por influência de meus pais – e um cara chamado Freud disse que as coisas sempre começam assim – passei a considerar a guerra um ato normal, quase essencial.

Primeiro foi uma guerra para sair do conforto do ventre de minha mãe, onde eu tinha alimento e segurança, num dia que chamaram de parto e que depois deram o nome, talvez só para me tapear, de aniversário. Eu chorei muito, e espernei ainda mais, neste dia. Mas não teve jeito. Tiraram-me de lá, fazendo-me ver um clarão que quase me cegou. E ainda levei um tapa no traseiro sem motivo algum! Os anos seguintes me mostraram que raramente adianta chorar e esperar...

Depois veio uma guerra particular bem interessante que consistia em ficar em pé e aprender a andar. Meu pai guerreava para comprar fraldas e leite em pó, enquanto minha mãe também travava uma outra guerra que se estenderia por anos: fazer eu comer o que ela colocava no prato, o que envolvia coisas como fígado e ervilha, ao invés de chocolate e gelatina.

Lá pelos quatro anos de idade fui apresentado a um verdadeiro arsenal de guerra. Era um começo de ano e todo mundo pulava e cantava muito numa festa que atendia pelo nome de Carnaval. Ganhei uma espécie de bisnaga de plástico que a gente enchia de água e depois saía molhando todos que se atrevessem a passar pela frente. Ganhei também umas armas feitas em papel – parece que se chamavam confete e serpentina. Estas eram guerras bem animadas!

Ah, lembro-me também dos bombardeios aéreos com batatas-fritas atiradas do décimo oitavo andar de um prédio onde estive hospedado durante uma viagem de férias.

Anos depois, viriam as guerras que guardo com mais carinho na memória. A guerra de almofadas que começava na sala e terminava como guerra de travesseiros no quarto. Foi uma época de desenvolvimento de táticas de guerrilha. Eu me entrincheirava atrás do sofá e espalhava sapatos e chinelos-mina pela sala e corredores.

Trocar a TV, o videogame e as brincadeiras com os colegas pelas tarefas escolares era uma guerra e tanto. O mesmo para arrumar o quarto, tomar banho e ir dormir cedo.

E então veio uma série de outras guerras. Guerra para ser aceito pelo time de basquete do clube, mesmo sendo muito baixinho. Guerra para tirar boas notas e se destacar na escola. Guerra para entender as transformações que os hormônios provocavam no corpo. Guerra para criar coragem e convidar aquela garotinha para sair. Guerra para tomar a iniciativa do primeiro beijo.

Mais alguns pares de anos e as guerras seguintes foram tomando conotação mais séria. Guerra para passar no vestibular. Guerra para obter o diploma. Guerra para conseguir um emprego e, estando nele, aprender a aceitar a hierarquia – às vezes, quase militar –, as ordens impingidas de cima para baixo, os conchavos nos corredores, as conspirações no hall do café, as armadilhas no elevador. Guerras corporativas engendradas por coronéis sem patente, travadas por soldados muitas vezes lançados a campo sem treinamento e provisões. Guerra contra a concorrência, sem interesse na diplomacia. Guerra contra a ineficiência, sem previsão de armistício. Guerra pelo consumidor, por sua preferência e fidelidade.

E nesta toada, guerra para encontrar uma alma gêmea. Guerra para convencê-la a casar-se e, depois, a separar-se. Guerra pela custódia dos filhos. Guerra para montar uma empresa, pagar salários, pagar impostos – e, de repente, ter que fechar a empresa. Guerra contra o aumento da gasolina. Guerra contra os juros do cheque especial.

Lendo os jornais observo o desenrolar de outros tipos de guerra. Guerra pela demarcação geográfica, guerra pelo petróleo, guerra pela autoridade. E, talvez a pior de todas, a guerra em nome de Deus, a que chamaram de guerra-santa, apenas para envolver de corpo e alma milhões de inocentes, jovens ou maduros, mas que na verdade atende aos mesmos preceitos de terra, dinheiro e poder de todas as guerras convencionais.

Hoje, já adulto, dei-me por conta de como nossas guerras vão perdendo significado real na medida em que nossas pernas crescem. As guerras migram do prazer para a ignorância, da pureza para a intolerância. Bilhões de dólares, euros e libras são gastos para matar mais gente, quando poderiam amenizar a dor e o sofrimento, a fome e a miséria, de outros milhões espalhados pelo mundo. Bilhões de reais são investidos em produtos que não são desejados, em tecnologias que não são usadas, em treinamentos que não proporcionam aprendizado, em confraternizações que não geram integração. Tudo porque as nações tratam as outras como países, isolando-se em torno de seus interesses. Tudo porque as empresas tratam seus colaboradores como móveis, fertilizando o terreno para uma guerra civil ao não definirem seus valores, missão e ideais de forma compartilhada.

Olhamos para o lado e vemos a guerra para saber quem avançará primeiro o semáforo fechado, a guerra para determinar quem vencerá a licitação, a guerra contra o narcotráfico, a guerra pela sobrevivência. Nesta hora vemos que Darwin enganou-se, que a seleção não é natural porque a natureza quer, mas porque o homem assim o deseja.

E então, coloco-me diante de minha maior guerra pessoal. A de entender o porquê de as coisas serem assim. A de compreender como fui-me deixar convocar por este exército de insanos. A de imaginar em qual ponto no espaço e em que momento no tempo desgarrei-me da criança que vivia e amava a guerra, como ela deveria ser.

Tom Coelho

Tom Coelho, com graduação em Economia pela FEA/USP, Publicidade pela ESPM/SP e especialização em Marketing pela MMS/SP, é empresário, consultor, escritor e palestrante, Diretor da Infinity Consulting, Diretor do Simb/Abrinq e Membro Executivo do NJE-Fiesp. Contatos através do e-mail tomcoelho@tomcoelho.com.br. Visite www.tomcoelho.com.br.